

F70 **Versão Oficial – Beto Guedes**
ESTÚDIO F - programa número 70

Á U D I O

T E X T O

Música-tema entra e fica em BG;

Locutor - A Rádio Nacional apresenta
ESTUDIO F,
Momentos Musicais da Funarte

Apresentação de Paulo César Soares

Paulo César :

- Alô, amigos! No programa de hoje, um mineiro que, apesar de apaixonado por aviões, fez toda uma geração embarcar numa viagem musical regada a canções sobre o amor e a natureza. Apaixonado pelos Beatles e sócio do “Clube da Esquina”, esse cara tímido, além de instrumentista versátil, é um intérprete personalíssimo, cujo som influenciou muita gente boa.

Entra “Cantar”, fica pouquíssimo tempo, cai em BG e permanece durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - O nome dele é Alberto de Castro Guedes, Beto Guedes. Estúdio F está no ar.

Sobe o som e rola inteira.

Paulo César: - “Cantar”, que acabamos de ouvir, é uma parceria de Ronaldo Milo com Godofredo Guedes que, além de pai de Beto, foi a primeira grande influência musical do artista. Nascido na cidade mineira de Montes Claros em 13 de agosto de 1951, desde a infância, o cantor acostumou-se a ver Seu Godofredo tocando sax e clarineta e compondo. Depois dessa influência paterna, Beto tornou-se um garoto que amava os Beatles, os Rolling Stones e também Bob Dylan. Assim como ele, seus vizinhos, os irmãos Lô, Márcio e Yé Borges, ficaram fascinados pelo som desses caras, principalmente, pelos quatro garotos de Liverpool. Por isso, decidiram se tornar os quatro garotos de BH e formaram o grupo “The Beevers”. Tempos depois, Beto passou a fazer parte do grupo “Os Brucutus”. Nessa fase, o artista animou vários bailes mineiros até que, em 1970, sua música “Feira Moderna” – feita em parceria com Lô e Fernando Brant – classificou-se no Festival Internacional da Canção.

Entra “Feira Moderna” e rola inteira.

Paulo César: - Gravada pelo extinto conjunto “Som Imaginário”, a música “Feira Moderna” foi bem acolhida no Festival Internacional da Canção. Nessa altura, Beto já estava envolvido com jovens músicos cujo som fundia inovações trazidas pela Bossa Nova a elementos do jazz, do rock’n’roll, da música folclórica dos negros mineiros e de alguns recursos de música erudita e hispânica. Essa rapaziada era o embrião do “Clube da Esquina” que, na década de 70, tornou-se referência de qualidade na MPB pelo alto nível da performance e pela difusão de suas inovações e influências a diversos cantos do país e do mundo. Inicialmente representada por Milton Nascimento, Wagner Tiso, Fernando Brant, Márcio Borges, Nivaldo Ornelas, Toninho Horta e Paulo Braga, a turma mineira foi agregando uma constelação de instrumentistas e compositores. Em 1975, Beto participou do LP “Minas” de Milton Nascimento, cantando em dupla a música “Fé Cega, Faca Amolada”, chamando a atenção da Odeon, gravadora na qual inicialmente lançou um compacto simples no qual cantava também com Milton a canção “Norwegian Wood”, de Lennon e McCartney.

Entra “Norwegian Wood” e rola inteira.

Paulo César: - Da gravação com Milton para o primeiro LP solo de Beto, lançado em 1977, foi um pulo. O álbum de estréia foi chamado de "A Página do Relâmpago Elétrico", nome também da música que abre o disco, feita em parceria com Ronaldo Bastos. Aliás, foi Ronaldo quem sugeriu esse título, depois de ter visto no álbum de um colecionador de fotos de aviões da 2ª guerra a imagem de um avião chamado de "Relâmpago Elétrico". Beto, que ainda hoje é um fanático por aeromodelismo, adorou a sugestão.

Entra "A Página do Relâmpago Elétrico" e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Beto canta a natureza, lança "Amor de Índio" e compõe com Caetano Veloso.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F,
Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

Bloco 2

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “A Página do relâmpago Elétrico”, rapidamente cai em BG (bem baixinho mesmo) e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - O disco de estréia de Beto chamou a atenção por revelar seus dotes como cantor, já que até então, ele era conhecido apenas pela versatilidade de multi-instrumentista. Enfim, pôde soltar a voz em composições de vários amigos mineiros que colaboraram no LP, entre eles Fernando Brant e Milton Nascimento, de quem canta “Maria Solidária”.

Entra “Maria Solidária” e rola inteira.

Paulo César: - “Lumiar” foi outra música de destaque do primeiro LP de Beto. Celebrando o vilarejo vizinho a Nova Friburgo onde toda uma geração costumava acampar, essa música ajudou o álbum de estréia do cantor a alcançar a marca de 21 mil cópias vendidas, três vezes mais do que o previsto pela gravadora. Mas fez mais que isso. Com o passar do tempo, “Lumiar” tornou-se o hino da juventude paz-e-amor e pró-natureza.

Entra “Lumiar” e rola inteira.

Paulo César: - Depois de “Lumiar”, Beto firmou-se ainda mais como um dos ídolos da geração paz-e-amor e pro-natureza, com o lançamento de seu segundo álbum em 1978: “Amor de Índio”. A faixa-título, composta em parceria com Ronaldo Bastos, traduz bem o espírito do disco. Segundo Beto, versos como “A abelha fazendo o mel/ Vale o tempo em que não voou” ou “Todo dia é de viver/Para ser o que for/E ser tudo” expressavam o lado primitivo e puro que ainda havia em cada uma das pessoas, como um canto de louvor à vida.

Entra “Amor de Índio” e rola inteira.

Paulo César: - No álbum “Amor de Índio”, está a primeira parceria entre Beto Guedes e Caetano Veloso. Trata-se da música “Luz e Mistério” que teve o seguinte processo de gestação: Beto sentiu que Caetano poderia fazer uma boa letra para a música que tinha composto e foi levado pelo amigo Ronaldo Bastos ao apartamento do tropicalista no Rio de Janeiro. Dois dias depois, o baiano entregou a Beto a belíssima letra como o mineiro esperava. Tempos depois, indagado sobre o que Caetano havia achado da gravação, o tímido Beto respondeu feliz: “Ele gostou”.

Entra “Luz e Mistério” e rola inteira.

Paulo César:

- Uma curiosidade dos primeiros discos de Beto é que ele sempre preservava algo do LP anterior no LP seguinte. Na contracapa de seu álbum de estréia, por exemplo, havia um pequeno desenho de um boneco feito por Gilberto de Abreu que se transformou na capa de “Sol de Primavera”, seu terceiro disco. Mas, além da bela capa, o que chama ainda hoje a atenção desse álbum lançado em 1980 é o repertório, instrumentalmente sofisticado, no qual Beto derrama explosivamente sua voz de falsete, firme e aguda. Segundo a crítica especializada, “Sol de Primavera” é um dos raros momentos da música popular brasileira em que a união do rock com a toada regional foi capaz de render frutos de qualidade incomparável.

Entra “Sol de Primavera” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Beto encanta com “Paisagem da Janela”, finalmente compõe com Milton e se recolhe em BH.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F, Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

Bloco 3

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Sol de Primavera”, rapidamente cai em BG (bem baixinho mesmo) e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Quando lançou seu terceiro disco, "Sol de Primavera", em 1980, Beto Guedes já tinha uma legião de fãs no eixo Rio-São Paulo. Mas nunca abandonou a mineirice que se tornou sua marca registrada. Botava o pé na estrada de carro, porque, apesar de apreciar os aviões, não perdia o medo de voar. Além disso, continuou morando em Belo Horizonte, onde tinha a tranquilidade para se dedicar aos aviões de brinquedo e às novas composições. Seus álbuns demoravam no mínimo dois anos para sair. O quinto deles, "Viagem das Mãos", de 1984, foi um marco em sua carreira. Àquela altura, Beto Guedes já era um artista de primeira linha, mas este álbum trouxe outra canção que, junto com "Amor de Índio", seria um de seus grandes sucessos como intérprete: "Paisagem da Janela", de Lô Borges e Fernando Brant.

Entra “Paisagem da Janela” e rola inteira.

Paulo César: - Ao mesmo tempo em que estourava nacionalmente com “Paisagem da Janela”, Beto superava o medo de voar e chegou até a cogitar ser piloto de um ultraleve construído por ele mesmo. Já na carreira, continuava a voar alto. Em 1986, lançou o álbum “Alma de Borracha” que lhe rendeu seu primeiro disco de Ouro e o reconhecimento no exterior. O título do disco é uma tradução de “Rubber Soul”, mesmo nome do álbum clássico dos Beatles. No repertório, uma grata surpresa: a faixa “Objetos Luminosos”, sua primeira parceria com o mentor e padrinho musical Milton Nascimento.

Entra “Objetos Luminosos” e rola inteira.

Paulo César: - O Rio de Janeiro - cidade onde Beto fez shows antológicos e sempre teve recepção calorosa do público - foi o local escolhido pelo artista para a gravação de um disco ao vivo, no final de 1987. Depois disso, o mineiro só voltou aos estúdios em 1991 para gravar o álbum “Andaluz”, no qual abriu mão dos instrumentos barrocos e usou sintetizadores. No ano seguinte, ao contrário do que se esperava, Beto não excursionou. Passou a se dedicar ainda mais aos aviões, mais especificamente à construção de um monomotor. Foram mais sete anos restritos a shows esporádicos e muita reflexão até que, em 1998, gravou “Dias de Paz” com a participação de Paula Toller, Djavan, Milton Nascimento e Toni Garrido. O CD inclui duas inéditas e uma seleção de releituras, entre elas “Sal da Terra” – canção que reflete a preocupação do artista com o destino do planeta.

Entra “Sal da Terra” e rola inteira.

Paulo César: - Depois do álbum “Dias de Paz”, Beto deu um novo grande intervalo e só voltou aos estúdios seis anos depois em 2004. Sobre suas longas ausências, fez a seguinte declaração ao jornal “O Globo” em 2006: “Em todos os anos em que estive na EMI-Odeon, sempre gravei meus discos com tranqüilidade. Depois, fui para a Sony e foi tudo bem também. Agora o contrato venceu e não tenho pressa de gravar um disco novo. Faço shows eventuais e fico caseiro, tranqüilo, aqui em Belo Horizonte. Para os fãs então, resta esperar um novo vôo musical de Beto. E, enquanto se espera, nada melhor do que ouvi-lo.

Entra “O Medo de Amar é o Medo de Ser Livre” e rola inteira.

Entra música-tema do Estúdio F e fica em BG;

Paulo César: - O programa de hoje foi roteirizado pelo jornalista Cláudio Felício. O Estúdio F é apresentado toda semana pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e nas Rádios Nacional de Brasília e da Amazônia, emissoras EBC - Empresa Brasil de Comunicações. Os programas da série também são uma das atrações do Canal Funarte. Acessem a nossa rádio virtual. O endereço é www.funarte.gov.br/canalfunarte. Cultura ao alcance de um clique! Você também pode ouvir o programa pelo site da Radiobras: www.radiobras.gov.br. Quem quiser pode escrever para nós, o endereço é: Praça Mauá número 7 - 21 andar, Rio de Janeiro - CEP/ 20081-240

Se quiser mandar um e-mail, anota aí:

estudiof@radiobras.gov.br

Paulo César: - Valeu Pessoal!
Até a próxima!!!

ENCERRAMENTO / FICHA TÉCNICA

